

VILA DO CONDE (Macieira da Maia)

A ponte dita de D. Zameiro, alçada sobre o rio Ave, situa-se no distrito de Porto, na freguesia de Macieira da Maia do município de Vila do Conde. Localiza-se a 24 km a norte da cidade do Porto, sendo acessível a partir desta pela A28 até Vila do Conde e pela EN 306 até Sabariz, de onde se acede à travessia pela rua da Ponte do Ave, que a cruza.

Ponte de D. Zameiro

CONSTRUÍDA EM CANTARIA DE GRANITO, apresenta um traçado em ligeira curvatura, com tabuleiro em suave pendente sustentado por sete pegões e oito vãos desiguais em dimensão, estando o arco maior, central, mais próximo da margem esquerda, ladeado deste lado por dois arcos menores, um ligeiramente apontado e outro de volta perfeita e à direita por cinco arcos com luzes de dimensão diversa, quatro de volta perfeita e um deles apontado (o segundo a partir da margem direita).

As faces da ponte a montante e a jusante mostram a utilização de aparelho de alvenaria do tipo pseudo-isódomo,

embora num desenho inconstante em ambas as faces, o que pode indicar reformas e reparações, como a que sucedeu em 2003 na sequência das cheias que destruíram parte da estrutura, dois anos antes. As aduelas dos arcos de volta perfeita são constituídas ora por silhares que alternam entre formas trapezoidais e menores, justapostas, nos arcos de pequena dimensão, ora por aduelas esguias e compridas nos arcos maiores e no arco apontado. Nos silhares dos paramentos e no intradorso de alguns arcos (nomeadamente no primeiro arco da margem direita) podem observar-se algumas marcas siglares.

Perspetiva da ponte a montante





Perspetiva da ponte a jusante

Protegem a ponte, a montante, seis talhamares de recorte triangular agudo e dimensões diversas e o número correspondente de contrafortes, a jusante, de formatos retangular e trapezoidal (junto à margem esquerda).

A extensão do tabuleiro, medida entre os arranques das guardas em cada margem, é de cerca de 140 m, sendo a bitola do mesmo, medida entre as mesmas guardas, de quase 4 m de largo. O tabuleiro, sem passeios, é pavimentado a lajes de granito e delimitado pelas referidas guardas do mesmo material. Sobre o arco de maior luz a ponte eleva-se a cerca de 5 m sobre a corrente do rio.

A Ponte de D. Zameiro constituía, juntamente com as pontes de Lagoncinha, Vizela e de Mem Guterres, uma das três grandes travessias pétreas sobre o rio Ave já existentes na época moderna. Assim o confirma a memorialística do século XVIII, embora se lhe não refira com este nome. O cura da freguesia próxima de Bairro designa-a "a [ponte] do Ave defronte do convento de Bairam estrada de Barcellos pera o Porto" e seguem-no na designação outros eclesiásticos memorialistas, como o de Bougado, hoje Trofa, indicando que pela dita travessia se dava servidão às gentes providas do Porto para as vilas de Barcelos e de Viana. O pároco de Macieira da Maia é minucioso na descrição: "tem neste distrito junto a aldeia de Sabaris hua ponte notavel de cantaria, que terá de cumprido mais de trinta braças [+60 metros], de largo perto de duas [4,4 metros]".

Neste itinerário, que muitos historiadores locais associam a uma *via veteris* ou *karraria antiqua* a inscreve Carlos Alberto Ferreira de Almeida que, em 1968, sobre ela fez longa apreciação, consultados os documentos e feito o exame arqueológico. Datou a sua construção no tempo de D. Afonso Henriques, considerando como "genuíno" o primeiro arco de volta perfeita e os restantes de campanhas posteriores, assinalando a mudança de aparelho e a existência de marcas siglares nos restantes arcos. Estamos, portanto, perante uma travessia caracterizada por múltiplas intervenções, transcronológicas, e que de modo algum admite uma categorização estilística baseada, apenas, na morfologia da maioria do número dos seus arcos.

Há dois aspetos que aproximam a ponte de D. Zameiro às suas congéneres a montante, o primeiro deles o nome. As três pontes receberam designações que as remetem para o domínio do individual, pois quer Zameiro, quer Goncinha, quer Mem Guterres inscrevem-se da onomástica medieval. Embora não haja provas documentais que as inscrevam na esfera de intervenção direta de cada um destes homens e mulher, a circunstância de receberem nomes próprios é reveladora do seu carácter enquanto obras dominiais ou ao serviço das políticas senhoriais de então. É provável, contudo, que tais designações correspondessem a formas eruditas, disseminadas por eruditos. Como referimos no caso da ponte D. Zameiro, só recentemente (século XX) aparece esta designação na antes chamada de

*Arco apontado**Talbamar**Silhares siglados no intradorso do primeiro arco da margem direita*

ponde do Ave. Também a ponte de Mem Guterres, sobre o mesmo rio a montante, parece ter recebido duas denominações, aquela erudita e uma corruptela popular daquele nome: Domingos Terres. Todavia, tais associações a indivíduos não podem ser descuradas, ainda que situem no domínio da etiologia mítica.

Assim se compreenderá o segundo aspeto que aproxima a ponte de D. Zameiro à de Lagoncinha: ambas receberam um legado episcopal, de D. Fernão Martins, falecido em 1185, como assinala o Padre Agostinho de Azevedo. Este investimento de um bispo portugalense em pontes nos limites da sua diocese poderá ser indicador da necessidade de prover, por razões que não só espirituais, o

célere acesso ao território diocesano. A acção do próprio rei pode sugerir o provimento e consolidação de uma rede viária capaz de homogeneizar o reino nascente e menos a ideia de um país de caminhos e peregrinos para Santiago, como uma certa historiografia pretende hoje validar. De resto, porque iria Afonso Henriques favorecer uma política de aproximação à rival arquidiocese de Compostela, quando então interessava promover os "novos" ou nascentes santuários portugueses e consolidar as fronteiras e o território do reino nascente?

Naturalmente que a ponte sobre o Ave favorecia o trânsito do Porto para norte, mas não necessariamente o que se dirigia a Santiago de Compostela. Pelo caminho

impunham-se as já referidas ligações a Barcelos e daí a Ponte de Lima. O trânsito contrário, no sentido norte-sul, afluía ao Porto, como alternativa às rotas marítimas, entre Viana e Vila do Conde. Mas é provável que a importância desta ponte, como de outras do tempo da medievalidade, fosse decaindo com a alteração dos fluxos de trânsito, marítimos ou terrestres, ocorrida ao longo da modernidade. Como já referimos, não se refere o nome de D. Zameiro nas memórias paroquiais de 1758 e a ponte, dentre todas as do Ave, quase sempre é esquecida pelos memorialistas. A que se deverá este “esquecimento”? Talvez um primeiro afunilamento do trânsito do Porto pela Lagoncinha e a proximidade a Vila do Conde onde, não obstante não existir uma ponte (embora as freiras de Santa Clara, senhoras da terra, o desejassem), se desenvolvia grosso comércio. As questões em torno da travessia do Ave às portas da

vila são conhecidas e demonstram como, para as clarissas, era importante manter e estimular a circulação de pessoas e bens junto à foz do rio.

Não obstante a notável importância histórica e patrimonial, local e regional, a ponte sobre o Ave, dita de D. Zameiro, não beneficia de qualquer proteção legal, encontrando-se a proposta de classificação caducada desde 2012, nos termos do artigo 78.º do Decreto-Lei n.º 309/2009.

Texto: NR - Fotos: NR

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1968, I, p. 181; AZEVEDO, A., 1939, I, p. 119; COSTA, 1706-12, I, p. 187; FREITAS, E.A.C. e GUIMARÃES, B.D.R.S., 1953, pp. 1-3; MEM. PAROQ. 1758 (2003), p. 462; MEM. PAROQ. 1758 (2009), pp. 680 e 722-723.